

A importância da cultura material na revitalização das culturas indígenas: o caso de Meruri

The importance of the material culture in the revitalization of the indian cultures: the case of Meruri

Aivone Carvalho¹
Dulcília Silva²
Sérgio Ossamu Sato³

¹ Doutora em Comunicação e Semiótica. Curadora. Responsável pelo Departamento de Pesquisa e pelo Setor de Etnologia do Museu das Culturas Dom Bosco.

² Doutora em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Responsável pelo Departamento de Documentação e Difusão Cultural. Assessora do Setor de Etnologia e Curadora do Museu das Culturas Dom Bosco.

³ Comunicólogo. Responsável pelos Setores de Comunicação e Difusão e Banco de Dados do Museu das Culturas Dom Bosco.

RESUMO

Este artigo ressalta a importância da cultura material e do Museu Comunitário para a revitalização das técnicas de produção dos objetos, sua contextualização durante o período de preparação e participação na Exposição bororo, no Castelo D'Albertis, em Gênova - Itália.

ABSTRACT

This article reinforces the importance of the material culture and of the Communal Museum to the revitalization of the techniques of objects production, its contextualization while the period of preparation and involvement in the Bororo exposition, at Castelo D'Albertis, at Genoa - Italy.

PALAVRAS-CHAVE

Museu Comunitário
arte
educação

KEY-WORDS

*Communal Museum
art
education*

INTRODUÇÃO

Cada objeto da cultura bororo, bem como a matéria prima com a qual é feito estão intimamente ligados ao seu mundo mítico ritual e por isto mesmo não podem ser vistos fora de um contexto carregado de sacralidade. Considerar qualquer objeto desta cultura como meramente material seria condená-lo ao esquecimento, isolá-lo da vida, destruí-lo juntamente com toda sua história. Aliás, nenhum objeto étnico pode ser visto pelo que parece ser, mas pelo significado que produz na relação e correlação com seu contexto cultural. No caso dos Bororo, os objetos são a expressão do ideal estético deste povo, o símbolo de individualização da etnia, portanto, um poderoso sistema comunicacional vivo com uma potencialidade signífica indescritível. As potencialidades deste sistema puderam ser testadas e confirmadas a partir de 1999, quando trouxemos para a aldeia de Meruri fotografias de cada objeto da etnia bororo pertencente à coleção do Museo Etnológico Missionário Colle Don Bosco.

Na aldeia os objetos deixaram de ser símbolos adormecidos de uma cultura distante para se transformarem em rastros, pistas, sinais, índices, de textos culturais inscritos na história pelos ancestrais para que compreendessem o passado como algo capaz de interagir com a compreensão do novo, criando um momento cheio de esperança dentro da comunidade.

Em um primeiro momento, as fotografias serviram de estímulo para pesquisa bibliográfica e a produção de textos na Escola de Meruri, depois, para a produção de objetos e a realização de ritos quase esquecidos, mais tarde, para a implantação de um Centro¹ de Pesquisa e Valorização da Cultura Bororo na aldeia, hoje denominado Museu Comunitário Padre Rodolfo Lunkenbein, seguida da repatriação de uma pequena coleção de objetos² que selou o diálogo entre o Museu do Colle e a aldeia de Meruri, região onde, no passado, a coleção foi coletada.

DO SONHO À REALIDADE

A partir da implantação do Museu³ foram iniciadas oficinas de revitalização da técnica, nas quais a arte bororo pôde ser revelada em objetos da arte plumária, tecelagem em algodão, cestaria, adornos corporais em madrepérola, utensílios e armas. Além das oficinas foram realizados cursos de fotografia e vídeo nos quais os Bororo tiveram a oportunidade de perceber que as imagens fotográficas são captadas a partir do olhar do próprio fotógrafo e que, portanto, um registro de sua cultura seria muito mais verdadeiro se pudesse ser carregado do seu próprio saber e do seu próprio sentir. Paralelamente, o acervo de fitas cassete gravadas por Padre Ochoa durante mais de 20 anos começou a ser digitalizado para a divulgação e revitalização da música bororo.

A cada oficina, uma festa reunia jovens, velhos e crianças munidos de um mesmo entusiasmo que parecia devolver-lhes, além da técnica de se fazer objetos, a riqueza que começaram a perder desde o momento em que as necessidades materiais de outras culturas passaram a ser assimiladas. De fato, cada um que ainda podia reconhecer ou que reaprendia a conhecer as insígnias⁴ de seu clã de origem estampadas nos objetos, exclamava orgulhoso: “este é meu; este é meu!”

Na nossa cultura, marigudo, cada um tinha o seu e assim todo mundo era rico. Não tinha ninguém pobre. Nós só ficamos pobres depois que passamos a usar as coisas dos brancos. O Centro de Cultura aqui em Meruri está fazendo a gente aprender a lembrar daquilo que é nosso. Nossos enfeites são bonitos demais! Este arco que veio lá do Museu da Itália é bonito demais! Nós vamos fazer um igualzinho. Este pariko mesmo da fotografia, eu nunca tinha visto igual. Eu já morei em Piebaga e nasci em Gomes Carneiro e nunca tinha visto um pariko enfeitado com cabelo. E eu fiz ele. Tá aí prontinho e nós agora sabe que ele existe. É nosso! Isto é muito importante porque nós tamos aprendendo para poder ensinar que nada morre quando se guarda uma semente qualquer. Essa semente tava lá no museu da Itália e veio nascer aqui na aldeia e de agora para frente o novo substitui o velho igual um broto novo substitui um lado velho.

O Museu de Meruri passou a ser o orgulho dos Bororo, lugar de reflexão, estudo, ponto de encontro e reencontro, de criação e

produção. Abriu novas perspectivas pedagógicas para a Escola que está empenhada no propósito de que para educar não basta que se transfiram conhecimentos, mas que se criem possibilidades para sua construção. Tornou-se capaz, por intermédio desses laboratórios, de envolver a comunidade em um processo de pesquisa constante que reaviva a memória étnica e revitaliza a cultura.

Assim, cria espaço e tempos diferenciados para novas aprendizagens coletivas e para novas trocas interculturais incentivando a realização de outras oficinas, como a dos “mutirões clânicos” que teve como objetivo exercitar a reciprocidade clânica ainda passível de ser vivida na aldeia, apesar da perda da sua estrutura original. Esses mutirões clânicos consistiram em um projeto de reforma das casas da aldeia, oferecendo aos Bororo as condições necessárias para eles próprios se ajudarem neste trabalho. As casas haviam passado a ser de alvenaria desde os anos 1940 do século passado. A partir da coleta de dados ficou a constatação de que a maioria das casas tinha ajudantes voluntários dos clãs da outra metade, o que revelou a existência, ainda que velada, da antiga reciprocidade entre as duas metades Ecerae e Tugarege.

A constante observação das leis da reciprocidade por parte dos Bororo foi um dos aspectos que mais impressionaram a maioria dos pesquisadores. Lévi-Strauss, comparou a ordem social bororo a um “ballet em que as duas metades da aldeia se obrigam a viver e a respirar uma pela outra, trocando as mulheres os bens e os serviços numa fervente preocupação da reciprocidade”⁵. Uma das leis que mantiveram este ballet vivo e que ainda vigora entre os Bororo é o *Mori*.

Entre as muitas acepções, *Mori* quer dizer presente, dádiva, reparação de danos causados, mimo. De acordo com a ética bororo todo e qualquer bem recebido, material ou não, exige uma indispensável retribuição. O diálogo que permitiu ao Museo Etnológico Missionário Colle Don Bosco sair de seus muros para levar até Meruri a riqueza bororo contida em seu acervo, foi um bem que os Bororo precisavam, queriam retribuir e, pelo fato de estarem vivendo um de seus melhores momentos culturais, participar de uma exposição carregada de sua própria subjetividade, foi a maneira mais significativa que encontraram

de agradecer a todas as pessoas envolvidas no processo de revitalização de sua cultura.

A idéia desta exposição, na verdade, surgiu no momento em que os Bororo perceberam que haviam criado para seus objetos uma exposição na própria aldeia capaz de sensibilizar sua gente, de falar de si ao estrangeiro e quando viram a maravilha que era seus objetos reunidos ali na Sala de Expressão de Cultura, muitos deles não escondiam a emoção enquanto diziam: “o que eu queria mesmo era poder mostrar para esses museus que têm nossas coisas que nós ainda vivemos aqui e que ainda podemos fazer tudinho de novo”.

A partir da constatação desse desejo, não foi difícil pensar em uma exposição diferente que pudesse ser construída com a aprovação e participação de toda a Comunidade de Meruri. Enciumados dos objetos⁶ do museu que eles mesmos haviam produzido na aldeia, preferiram construir outros em novas oficinas especialmente para a mostra italiana. Primeiro houve a divisão dos serviços próprios para os homens e próprios para as mulheres, depois a coleta do material, a secagem das palhas de buriti e babaçu para a cestaria e o corte dos talos das folhas da palmeira buriti para a construção dos dois *marido doge*, o *imedu* e o *aredu*⁷.

A rapaziada, orientada pelo senhor Pedro Kaiabi⁸ e senhor Pedrinho tiraram a casca dos talos de buriti e os cortaram em pequenos bastões; a criançada, composta de meninos, carregava os bastões para serem armazenados na varanda do Centro de Cultura, porque ali se encontravam os dois anciãos que deveriam amarrá-los. Enquanto esperavam, os anciãos teciam as folhas da mesma palmeira em cordões para amarrar os talos, uns justapostos aos outros, de maneira a formar uma longuíssima esteira que seria enrolada e amarrada para construir as duas rodas. Valmir, enquanto isto, tecia as saias de *toro*, folhas de babaçu. Este trabalho foi realizado durante vários dias, sempre em um clima de muita descontração e entusiasmo. Paralelamente, sempre na companhia de seus filhos, as mulheres dividiram-se em grupos, umas secavam as palhas no calor do fogo, outras colocavam ao sol, enquanto outras iam preparar o mate, se era hora do lanche, ou a comida, se era hora do almoço. Quando as

palhas já estavam preparadas, começaram a tecer os *micigu*, bolsa de uso masculino e feminino, os *bakité* destinados a carregar mantimentos, o *aroe j'aro*, cesta funerária, os dois *baku doge*, o maior destinado a colocar o crânio de um morto e o menor destinado a cobri-lo depois de enfeitado com penas e plumas. Enquanto isto, as meninas aproveitavam as pontas das folhas mais novas para fazer *parikiboto*, uma espécie de leque de palha que usavam imediatamente para refrescar o calor e espantar os mosquitos. Para tecer as folhas já secas, as mulheres borrifavam água para amaciar ou colocavam para dormir no sereno. Cada trabalho que ficava pronto era colocado ao sol para secar.

Realizadas essas oficinas é chegada a hora da plumária. Os objetos de plumária bororo, tidos como dos mais requintados do mundo, possuem uma riquíssima combinação entre cores e qualidade de penas e plumas que infelizmente não se pode mais encontrar na Reserva Indígena de Meruri. Dessa forma, sempre que promovemos uma oficina, primeiramente procuramos adquirir a matéria prima em outras regiões e às vezes até com outras etnias. Com esta não foi diferente, depois de conseguido o material, Betinho separou cuidadosamente as penas de arara que conseguimos com os índios Rikbaktsa para fazer os quatro *pariko doge*, diadema de penas de arara; Leonida sua mulher, selecionava as plumas menores e as penas de outras aves para a identificação dos clãs; Tolinho se preocupou em salvar guardar as penas para os *boe kiga doge*, pregos de cabelo que deveriam ser colocados na cesta fúnebre; Auxiliadora precisava das penas de arara específicas para a tanga cuja parte superior feita de uma tecedura de *akigu*, algodão, já havia sido preparada por Agostinho; Lidiane tecia a corda de algodão vermelho para a amarração do *kiogoaro* e a rapaziada extraía a seda das folhas de buriti para fazer as cordas para a amarração dos *pariko doge*; Dona Maria *Bataro* havia trazido uma porção de cabacinhas para a confecção dos *powari aroe* e precisava das penas certas para recobri-las segundo os seus clãs de primazia, mas para saber sobre isto foi necessária a ajuda do velho e sábio Antônio Kanajó, o mais idoso morador de Meruri.

Assim, obedecendo a uma organização própria a oficina foi tomando forma e o que se ouvia eram somente comentários de sa-

tisfação e de curiosidade sobre a reação dos visitantes da Exposição diante daqueles objetos tão significativos e todos demonstravam querer estar presentes para constatarem com seus próprios olhos. Obviamente não seria possível levar até Gênova todos os Bororo que participaram das oficinas, mesmo porque foi quase a aldeia inteira, mas apenas alguns representantes, isto seria possível e assim nasceu a idéia da realização de algumas oficinas monitoradas por esses representantes da comunidade bororo durante os dez primeiros dias da exposição. Mas a novidade não foi só esta. Muitos daqueles que desejavam ir, mas não seria possível, conseguiram participar das imagens que expressavam aspectos fundamentais da cultura. Cada qual, então, preparou o que desejava falar e escolheu o lugar de onde seria filmado.

Dias e dias de trabalho permitiram também duas outras oficinas diferentes. Estas, porém, realizadas com os professores e alunos da Escola de Meruri e que denominamos Oficina de Criação e Desenho: “Contextualizando objetos étnicos na Aldeia de Meruri”.

Esta oficina fundamentou-se em dois aspectos importantes para a revitalização cultural do povo Bororo: a arte e a educação. A arte representada pela força do objeto étnico e a educação vista como ato de conhecimento e de transformação social. Nesta perspectiva, fundamentados nas reflexões de Edgar Morin sobre o assunto, buscamos examinar com olhos críticos a razão produtivista e a racionalização modernas, propondo a lógica da valorização do cotidiano, a vivência, o pessoal, a originalidade, o entorno, o acaso, os mitos e os ritos.

Foi assim que descobrimos na prática e na reflexão sobre a prática de reconstruir objetos e artefatos uma forma de consolidar a criação de uma etnopedagogia que visa, sobretudo, registrar e sistematizar experiências pedagógicas que aparentemente demonstram não necessitar de destaque, devido à simplicidade e ao seu caráter comum, mas que, no entanto, têm uma dimensão epistemológica significativa, na medida em que consegue ultrapassar as meras aparências e captar o significado mais profundo dos entes e dos fenômenos.

Optamos por trabalhar com as crianças de terceira e quarta, sétima e oitava séries do ensino fundamental da escola Sagrado Coração de Jesus, caracterizada, segundo o Ministério de Educação e Cultura - MEC, como escola diferenciada, pelo fato de atender à população indígena da aldeia e por esse motivo trabalhar com professores índios. A escolha teve a intenção de promover a integração escola e Museu Comunitário, ao mesmo tempo mostrar aos professores de Língua Bororo, Língua Portuguesa e Educação Artística uma possibilidade de tornar a aprendizagem mais significativa via transdisciplinaridade, reforçando a ação cultural dos objetos étnicos no processo educacional.

Percebemos que os professores não tinham muita familiaridade com a idéia de partir de experiências concretas, culturalmente relevantes, para chegar ao conhecimento formal. Havia certa timidez e até resistência em sair da sala para o campo, para o museu, para a biblioteca, ao contrário dos alunos, extremamente curiosos e interessados em descobrir novos horizontes, novas formas de analisarem o mundo em que se acham inseridos.

Os objetos escolhidos para estruturar o tema da exposição eram muitos, para serem trabalhados no tempo que tínhamos disponível. Fizemos uma reunião com alunos e professores e escolhemos alguns de maior interesse para eles. A partir daí, saímos pela aldeia entrevistando os mais velhos. As crianças se revelaram excelentes jornalistas, imitando as entrevistas que assistem na televisão, prepararam perguntas para os mais velhos sobre os objetos e acompanhados por Agostinho, Tolinho e Rosário, gravaram tudo e transcreveram sob a forma de produção textual escrita.

Os alunos questionavam desde a origem dos objetos até os dias atuais. Observaram que muitos caíram em desuso, outros desapareceram e outros continuam em plena atividade. Ouviram sobre mitos que foram recontados e atualizados.

As crianças menores reunidas formavam frases sobre os objetos, uma queria fazer uma frase mais bonita que a outra. A concepção de beleza parecia referir-se a extensão, ou seja, quanto maior a frase, mais bonita. Adoraram pesquisar sobre o que não sabiam a respeito dos objetos na Enciclopédia Bororo. O mais interessante foi observar,

que à medida que nos aproximávamos do museu para visitar os objetos sobre os quais havíamos discutido tanto, a descontração tomava conta de todos. Os professores pareciam crianças, felizes em ver seus alunos aprendendo sobre a cultura, e que livres das paredes das salas da escola sentiam-se com muito mais autoridade para falar sobre os objetos, para contar suas histórias, as histórias de seus pais e avós.

As meninas acompanhadas de suas mães e avós reconstruíram bonecas e os meninos refizeram as petecas com as quais brincaram longamente relembrando o passado. A última parte da oficina foi a sessão de desenhos, partindo das histórias que haviam criado. Foi um momento de muita concentração e troca de idéias, um dava sugestão para o outro, em relação às cores, à maneira de expressar a linguagem escrita. A responsabilidade de saber que seus desenhos atravessariam o oceano para contar sobre sua cultura tornou-os compenetrados e curiosos, perguntavam-se: “será que vão rir como nós, porque as meninas não usam mais *rugur!*?”

O “fazer” dessas oficinas, sobretudo para os jovens e crianças parece ter fundado uma nova pedagogia que cultiva a curiosidade e a criatividade, recupera a auto-estima e devolve o prazer de se aprender em liberdade e o que é fundamental, abole as diferenças: Adultos e crianças trabalharam no mesmo ambiente, cada qual fazendo o que desejava e aquele que não queria fazer, participa observando. Nesse ambiente, a técnica de ensinar relembrando os mitos⁹ faz uma interrupção no tempo presente para fundar um tempo novo, tempo em que o conhecimento dos mitos abole as fronteiras entre o material e imaterial, humano e sobre-humano, natural e sobrenatural e constrói objetos plenos de significação.

Podemos dizer que um novo tempo se iniciou em Meruri, tempo que desmente a visão de que a apropriação do uso das novas tecnologias pelos povos indígenas seria negativa, revelando que essas tecnologias podem contribuir muito na revitalização da identidade bororo enfraquecida e torná-los assim apreciadores capazes de ressignificar aquilo que veem, pelo que percebem do olhar do outro, como num jogo de espelhos, no qual o mundo que se revela ganha novos significados.

As oficinas inauguram um novo tempo, tempo de descobertas que dão vida à operatividade da cultura bororo antes aprisionada nas vitrines dos museus, tempo que desperta os Bororo para o seu “ser cultural” devolvendo-lhes o direito de primazia, a verdadeira riqueza, que faz emergir dos objetos a sua face oculta, a que transcende a mera condição utilitária para revelar seu lado mágico e memorial, que transforma o passado em um presente cheio de esperança. O trabalho realizado em Meruri, enfim, fez ressoar o eco das vozes ancestrais que revelam o eterno retorno, que fundam o tempo trans-histórico determinante de uma nova perspectiva do olhar europeu sobre a América.

Notas

¹ Por escolha dos próprios Bororo o Centro foi inaugurado com o nome do missionário assassinado (1976) em defesa de suas terras, o alemão Padre Rodolfo Lunkenbein.

² Os objetos repatriados fazem parte de um ritual chamado MORI que acontece no final do ciclo fúnebre no qual, depois de abatida uma onça, os objetos são confeccionados ritualmente e entregues à família enlutada para lhe servir de estímulo para que seus membros voltem a se enfeitar.

³ O Centro é formado de um arquivo para abrigar as obras e a documentos referente a cultura bororo, uma biblioteca, uma sala de vídeo, uma Sala de Expressão de Cultura, local de produção e abrigo do acervo da cultura material e um laboratório de imagem e som para o registro de suas festas e rituais.

⁴ Todos os objetos bororo são blazonados com as insígnias de cada clã, por meio de plumas em diversas cores

⁵ LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Ed. 70, 1986. p. 216.

⁶ Todos os objetos que se encontram nas cabanas/vitrines da Sala de Expressão de Cultura do Centro de Cultura de Meruri estão à disposição de seus possuidores clânicos para uso durante as festas e rituais

⁷ Marido imedo quer dizer buriti grande ou buriti homem; marido aredo quer dizer buriti pequeno ou buriti mulher. O jogo que acontece sempre durante o ciclo fúnebre consiste no levantamento das rodas até a cabeça onde deve ser equilibrado durante uma dança. Aqueles que participam da prova são representantes das duas metades Ecerae e Tugarege, e, respectivamente, de Itubore e Bakororo, com a ajuda dos aroe, almas, homenageiam o morto que se encontra enterrado no centro da aldeia

⁸ Senhor Pedro Kaiabi faleceu dias depois do término das oficinas em Meruri, fato que lamentamos muito porque, além de ser o único Bororo em Meruri

que só falava em sua língua materna, era uma pessoa muito sábia, terna e participante.

⁹ A maioria dos objetos da cultura bororo está associada aos mitos que, por sua vez, não revelam a sua primazia clânica.

REFERÊNCIAS

ALBISETTI, C.; VENTURELLI, A. *Enciclopédia Bororo*. Campo Grande: UCDB, 1969. v.II.

LEVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Ed. 70, 1986.